



(RE)PENSANDO O FAZER BIBLIOTECÁRIO: DA GUARDA INFORMACIONAL AO ACESSO

Jorge Santa Anna¹

RESUMO

Traz à baila o desenvolvimento da instituição biblioteca e os reflexos acarretados à prática do bibliotecário, cujos fazeres se adentram a novas concepções paradigmáticas: do armazenamento à acessibilidade. Partindo dos quatro grandes estágios pelos quais passaram as bibliotecas ao longo dos tempos: laicização, democratização, especialização e socialização, este artigo objetiva refletir a trajetória histórica e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários, com vistas à evolução da tecnologia, especificamente com o advento do espaço digital, consumado a partir do desenvolvimento da internet, o que aponta o surgimento da biblioteca virtual na sociedade contemporânea. Metodologicamente, foi utilizada a revisão literária em artigos científicos publicados em revistas brasileiras de biblioteconomia e livros que retratam a trajetória histórica da biblioteca e dos registros de informação. Em linhas gerais, os resultados apontam a necessidade de o bibliotecário ser flexível a mudanças, utilizando as novas tecnologias para reconstruir as práticas bibliotecárias, com maior preocupação para o usuário e suas necessidades, o que confirma a mudança de perfil desse profissional: de guardião da informação a disseminador.

Palavras-chave: Fazer bibliotecário. Guarda e conservação. Revolução tecnológica. Disseminação da informação.

¹ Bibliotecário e graduando em Arquivologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Consultor em normalização de trabalhos acadêmicos e científicos. Email: jorjao20@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A revolução tecnológica perfaz todo o contexto das bibliotecas no decorrer dos tempos. Com a expansão dos registros de informação, inúmeros suportes foram criados objetivando registrar a informação, tendo em vista seu armazenamento e preservação produzidos por diferentes civilizações e culturas.

O registro da informação em suportes constitui uma das maiores conquistas humanas, pois é através desse feito que o conhecimento pôde ser transmitido de geração para geração, sendo possível seu armazenamento, acondicionamento e tratamento através das técnicas e metodologias biblioteconômicas.

É graças ao desenvolvimento tecnológico que os suportes de informação se multiplicaram, permitindo diversas formas de registrar e armazenar a informação. Curiosamente, esse acontecimento constituiu, outrossim, uma alternativa encontrada pelas bibliotecas a fim de conseguir armazenar todo o excesso informacional advindo com a explosão bibliográfica².

Contudo, o desenvolvimento tecnológico possui seu apogeu a partir da década de 60, com o surgimento da Internet. A internet revolucionou os fazeres profissionais dos bibliotecários devido à sua capacidade de transferir a informação, facilitando seu acesso, rompendo-se barreiras geográficas e temporais. O surgimento da internet, aliado à explosão bibliográfica, permitiu o renascimento de uma nova era na Biblioteconomia. Por meio da internet, os usuários tornam-se mais exigentes, utilizando os mecanismos do espaço digital a fim de conseguir acessar as informações necessitadas, em um espaço cada vez mais curto de tempo e a baixos custos.

As potencialidades da internet, a explosão informacional e a exigências dos usuários constituem a trindade que sustentou a formação

²Também chamada por alguns de caos documentário, a explosão bibliográfica corresponde ao acentuado volume de publicações lançados no mercado, cujas causas estão relacionadas à invenção da imprensa de Gutenberg, em 1448. Foi por meio desse acontecimento que surgiu a possibilidade de reprodução em série do conhecimento registrado, o que desencadeou, ao longo de seis séculos, o aumento exponencial do volume de publicações editadas no mundo (WEITZEL, 2002).

de um novo paradigma na Biblioteconomia Moderna: o paradigma do acesso. Anteriormente, as bibliotecas revestiam-se do paradigma da posse informacional, ou seja, objetivava-se oferecer aos usuários os documentos registrados em um suporte, de modo que o usuário pudesse consultá-lo e até mesmo adquiri-lo por meio de empréstimo domiciliar. Assim, as preocupações dos bibliotecários eram com o suporte informacional e seu tratamento. Esse paradigma está sustentado no acervo informacional.

No paradigma do acesso, ao contrário do anterior, as atenções dos profissionais transferem-se do acervo para o próprio usuário, ou seja, as preocupações estão mais envolvidas com o usuário e suas necessidades do que com a posse informacional. Essa nova tendência fez apontar o nascimento de uma nova modalidade de biblioteca, a Biblioteca Virtual, amparada por instrumentos tecnológicos de alta capacidade, os quais facilitam o tratamento e viabilizam o intercâmbio de informações em velocidades espantosas.

Essas modalidades de bibliotecas se caracterizam pela alta capacidade em processar a informação, criando vínculos de acesso ao usuário: trata-se de um processo reversivo, pois, diferentemente das bibliotecas com acervos impressos, em que o usuário precisa ir até a informação, as redes eletrônicas vão até o usuário, transferindo informações a toda parte do mundo.

O paradigma da biblioteca virtual constitui, em linhas gerais, o acondicionamento de estoques informacionais em formatos latentes, de modo que a informação pode ser armazenada, tratada, gerenciada e disseminada por meio das redes digitais, por isso, metaforicamente, pode-se caracterizá-las como espaços sem paredes, contendo livros sem páginas.

As grandes transformações ocorridas na sociedade atual vêm sendo transferida para o contexto biblioteconômico originando uma nova instituição responsável pelo gerenciamento e disponibilização informacional. Assim, grandes especulações surgem a respeito da extinção da instituição biblioteca que desde o surgimento das primeiras

civilizações, essas unidades se colocam a serviço da construção de conhecimentos.

Todavia, muitas discussões combatem essa visão exagerada de futuro ao garantir que a biblioteca, semelhantemente a períodos anteriores, atravessa um momento de transformação, mas não a extinção. Estudos de Dias (2006) demonstram essa profecia ao garantir que os serviços tradicionais são transferidos para a biblioteca virtual, uma vez que, a essência das atividades biblioteconômicas, que é armazenar, tratar, gerenciar e disseminar informações a diferentes públicos, com vistas a sanar suas necessidades, continuarão existindo.

Em tese, trata-se, na verdade, de uma mudança na utilização de recursos, uma vez que eles se tornam cada vez mais sofisticados graças ao avanço das tecnologias digitais, todavia, a essência do serviço não será extinta. O momento é de transição de uma época para outra e não de eliminação, cabendo aos profissionais, adequarem-se aos novos paradigmas.

Ao analisarmos a trajetória histórica das bibliotecas ao longo dos tempos, tendo em vistas as grandes revoluções sociais, observa-se que elas atravessaram inúmeros estágios, definindo novas formas de oferecer informação à humanidade. Martins (2001, p. 323) estabelece quatro grandes estágios evolucionários da trajetória biblioteconômica, marcados por “[...] um processo gradativo, ininterrupto e simultâneo de transformação [...]”, que são: laicização, democratização, especialização e socialização.

Em cada um desses estágios houve mudança nas unidades, delineando seus serviços, conforme as necessidades específicas de uma dada época, localidade, ideologia e contexto. As bibliotecas servem ao homem, e, como ele é mutante, não faz sentido sua estagnação no tempo. Esse crescimento gradativo demonstra a capacidade de adaptação dos profissionais bibliotecários e suas propostas de trabalho, evidenciando que a biblioteca, devido à sua capacidade flexível e adaptativa, perdurará por tempos perenes, acompanhando a humanidade enquanto ela existir.

Portanto, objetiva-se com este discurso, apresentar a trajetória histórica e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários, com vistas à evolução da tecnologia, especificamente com o advento das novas tecnologias digitais, evidenciadas a partir da utilização da internet na sociedade contemporânea. Discute-se a transferência de propostas e objetivos bibliotecários de um estágio evolutivo para outro, evidenciando no contexto digital, uma mudança crucial em relação à oferta de informação: da posse informacional ao acesso.

2 ONDE TUDO COMEÇOU

Desde o surgimento das primeiras civilizações, o homem vem criando mecanismos de registrar suas tendências, suas conquistas, suas culturas, enfim, seu jeito de ser e de viver, de modo a transmitir para gerações futuras, a herança cultural por ele gerada, garantindo, desse modo, a perpetuação da memória coletiva de uma nação, em um dado momento histórico.

O homem pré-histórico, por exemplo, deixou para seus descendentes, informações registradas em algum suporte, como os desenhos esculpidos nas paredes das cavernas. Já os povos da Antiguidade deixaram registrados nos tabletes de argila, nos rolos de papiro ou pergaminho, códigos que transmitiam algum conteúdo informacional. É graças à invenção da escrita e da evolução dos suportes informacionais que o número de registros do conhecimento aumentou vertiginosamente, o que favoreceu, por conseguinte, a necessidade de organização desses registros visando sua posterior recuperação.

Assim, o ato de organizar esses registros constitui a gênese do trabalho biblioteconômico, o qual permitiu, segundo Milanesi (2002) que a memória da humanidade, a fim de não ser perdida, fosse administrada por pessoas especializadas, cujas funções não se limitavam apenas à tarefa de preservar a informação, mas também, a organização, de tal forma que a menor unidade pudesse ser perfeitamente localizável. Enfatiza esse autor que

[...] Essa atividade de buscar-o-que-foi-guardado e de guardar-o-que-foi-registrado (e de registrar-o-que-foi-imaginado) é a forma

possível para manter viva a memória da humanidade, forma essa em constante aperfeiçoamento (MILANESI, 2002, p. 9).

Desse modo, na pré-história e na Antiguidade, as bibliotecas exerceram a função de custódia, ao abrigar materiais informacionais produzidos pelo homem registrados através de suportes específicos que garantissem sua preservação ao longo dos tempos. A história nos revela que as bibliotecas na Antiguidade surgem “[...] da necessidade do homem em reunir e conservar os conhecimentos de sua época, o que só é possível a partir da invenção da escrita” (SILVA, 2013, p. 2).

Similarmente às bibliotecas antigas, as coleções monásticas cumpriram a missão de apenas armazenar e conservar os documentos produzidos na Antiguidade, restringindo, ao máximo, seu acesso e uso. Nessa época, o responsável em zelar por essas coleções se caracterizava como um organizador que existia para facilitar as incursões dos curiosos pelo universo do conhecimento, se evidenciando “[...] como um devotado e estranho guardião do saber [...]” (MILANESI, 2002, p. 16).

No discorrer da história, as evoluções dos registros do conhecimento determinaram o aparecimento de diferentes tipos de bibliotecas, tendo finalidades também diferenciadas, dependendo da necessidade específica do público a que atendiam. No entanto, mesmo existindo essa transformação no espaço das bibliotecas, a essência do trabalho bibliotecário se caracterizou, em linhas gerais, como o ato de organizar de forma sistematizada os registros, facilitando sua localização futura; a essência do trabalho se caracteriza como a mesma em todos os diferentes estágios de desenvolvimento porque passou as bibliotecas. Sendo assim, “[...] acervos e códigos integram-se num complexo que se constitui no mapa da produção humana, a grande memória que mantém vivos todos os cérebros mortos” (MILANESI, 2002, p. 15).

Percorrendo, retrospectivamente, os labirintos do passado, percebe-se que a utilização do rolo de papiro ou pergaminho desempenhou fortes influências sobre os registros de informação, mas o apogeu revolucionário dos registros somente se consolida com a invenção da imprensa. No período medieval, devido às fortes pressões ideológicas demandadas pelo poder religioso, as bibliotecas serviram, durante toda a

Idade Média, como depositárias dos registros, limitando o acesso apenas a autoridades religiosas. Assim,

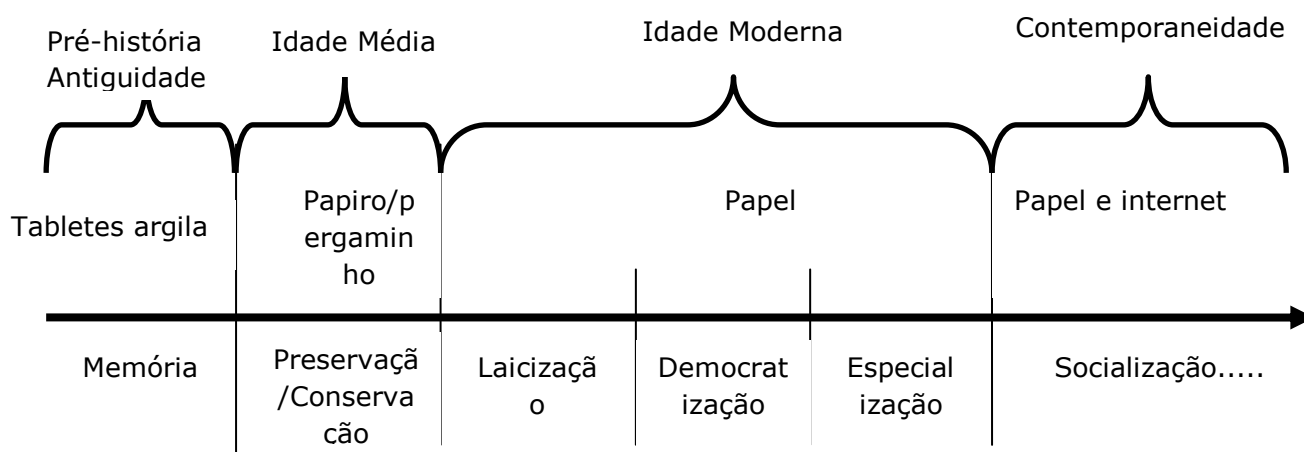
O acesso a esses acervos guardados nos mosteiros limitava-se aos que pertenciam a ordens religiosas ou eram aceitos por elas. Ler e escrever eram habilidades quase exclusivas dos religiosos e não se destinavam a leigos. Os monges contabilizavam o seu capital pelo tamanho e qualidade de suas bibliotecas [...] (MILANESI, 2002, p. 23).

Nota-se que nesse período, as grandes bibliotecas medievais se limitavam à estocagem dos acervos, destacando-se como atividades maiores dos monges copistas: o armazenamento, acondicionamento, preservação e conservação de livros (MARTINS, 2001).

Com a invenção da imprensa e o fim da Idade Média, as bibliotecas deixam de ser administradas por religiosos, tornando-se, aos poucos, locais públicos, de fácil acesso, e o conhecimento, vai sendo propagado mundo afora (BURKE, 2003).

Nessa época, a biblioteca adquire uma nova concepção: em vez de somente armazenar, ela oferece a informação, favorecendo, com isso, seu crescimento acelerado nos séculos que se sucederam, tendo forte influência das grandes revoluções sociais ocorridas ao longo dos tempos modernos (FIGURA 1).

FIGURA 1 – TRAJETÓRIA EVOLUTIVA DAS BIBLIOTECAS



Fonte: o autor (2013)

Conforme disposto na figura, evidencia-se o percurso evolutivo das bibliotecas ao longo dos períodos históricos. Em tempos remotos, as bibliotecas se destinavam à guarda e conservação, com vistas a garantir a perpetuação da cultura humana, todavia, é a partir do século XV, com a

Renascença que elas se tornam um espaço aberto, tornando-se mais suscetíveis a transformações, intervindo nas condutas humanas e, por conseguinte, sofrendo alterações conforme a conjuntura social a que estavam inseridas (BURKE, 2003; MARTINS, 2001; MILANESI, 2002).

Os profissionais que atuavam nas bibliotecas nesses períodos de gênese caracterizavam-se como meros sábios, detentores de todo o conhecimento armazenado na unidade, o que lhe confere um papel humanista e erudito. Desse modo,

As atribuições do bibliotecário-chefe transcendiam as funções habituais, pois eles eram também humanistas e filólogos, encarregados de reorganizar as obras dos autores. Além disso, eram encarregados também da tutoria dos príncipes reais, a quem deveriam orientar nas leituras e no gosto (BARATIN; JACOB, 2000 apud SANTOS, 2010, p. 5).

Nesse contexto, depreende-se que, mesmo tendo formas de atuação das mais diferenciadas, acompanhando as transformações da instituição bibliotecária, o profissional atuante possui objetivos em comum, almejando constantemente “[...] a mediação do conhecimento ao seu principal alvo: o usuário” (SANTOS, 2010, p. 9).

O mesmo autor conclui que, das primeiras civilizações à Renascença, a biblioteca não pode ser entendida apenas como um fenômeno social e cultural, mas também como “[...] uma instituição social das mais complexas e importantes do sistema de comunicação humana, sendo responsável pela preservação e transmissão da cultura [...]” (SANTOS, 2010, p. 9). Esse autor também conclui que, a necessidade de registrar conhecimentos e informação, por parte dos povos antigos, levou-os a montar arquivos antes mesmo da produção dos seus registros. Esse objetivo mudou no decorrer da sua evolução; as mudanças técnicas, como o uso do papel e a invenção da imprensa, tornaram a biblioteca mais acessível e seu caráter passou de instituição fechada e particular para leiga e pública.

3 OS ESTÁGIOS EVOLUTIVOS

Não resta dúvida de que a invenção da escrita revolucionou a história das sociedades humanas, interferindo na forma como a

informação era distribuída, despertando o surgimento de novos atores e instituições responsáveis pela produção, distribuição e armazenamento informacional.

Essas transformações favoreceram o nascimento de um novo mercado, permeado pela indústria editorial. Segundo Milanesi (2002), a informação vai aos poucos, após a explosão do impresso, se afluindo como um produto gerador de poder, sendo passível de comercialização, refletindo, conseqüentemente, na estruturação e funcionalidades da instituição bibliotecária.

Martins (2001) traça uma linha imaginária dos quatro estágios evolutivos das bibliotecas, com o aparecimento da indústria editorial: laicização, democratização, especialização e socialização. A laicização diz respeito ao primeiro momento em que as bibliotecas deixaram-se de ser gerenciadas pela Igreja e passaram a ser dominadas pelo poder burguês. A democratização compreende o período permeado pela Revolução Francesa, motivadas por um sistema social democrático. A especialização decorre da necessidade de oferecer informação a públicos leitores com necessidades diferenciadas.

Desenvolvidos de formas simultâneas, os estágios relacionavam-se entre si; os três primeiros convergiram para um estágio de maior abrangência, a socialização, em que a biblioteca “[...] não apenas abriu largamente as portas, mas ainda saiu à procura de leitores [...]”; as bibliotecas saem do isolamento e inserem-se na integração desejando “[...] satisfazer as necessidades do grupo, assumindo-se a postura de um organismo carregado, dinâmico, multiforme da coletividade” (MARTINS, 2001, p. 325).

3.1 LAICIZAÇÃO: O FOCO NA INFORMAÇÃO

Marcado pela invenção da imprensa, nesse período as bibliotecas tornam-se grandes depósitos do saber. Esse período caracterizou-se como um período de intensa dinamização, pois os manuscritos eram transformados em um tipo particular de documento, sendo armazenados em espaços especiais das bibliotecas (BURKE, 2003).

A interferência do Governo na administração das bibliotecas provocou o que Burke (2003, p. 128) chamou de “o monopólio da informação”; segundo esse autor “[...] a centralização do poder gerou a centralização dos documentos [...]”; mesmo sendo instituições abertas ao público, o acesso às unidades de informação era limitado, pois a informação gerava poder, estando o acesso direcionado a classes elitizadas.

De modo geral, a biblioteca do período laico apresenta-se mais livre e aberta, renegando-se as concepções dogmáticas católicas dos períodos anteriores, deixando-se de ser caracterizada como um espaço infernal (MARTINS, 2001). Nas palavras desse autor, o período da laicização se evidencia quando, pouco a pouco

[...] foram desaparecendo as monarquias de direito divino e as universidades monásticas (que sob caráter diferente, reaparecem modernamente); assim como o livro perde o seu caráter de objeto sagrado e secreto para se transformar num instrumento de trabalho posto ao alcance de todas as mãos; [...] assim também a biblioteca passa a gozar, do estatuto de **instituição leiga e civil, pública e aberta**, tendo o seu fim em si mesma e respondendo a necessidades inteiramente novas (MARTINS, 2001, p. 323, grifo nosso).

O Renascimento constitui o movimento artístico e histórico que requer a reformulação dos espaços que abrigavam o saber humano, devendo ser utilizados para fins de transformação social. Esse fato se caracteriza como o início de um novo momento para os povos, sobretudo os cristãos do Ocidente, pois os livros extrapolam o âmbito da religiosidade e avançam por outros territórios temáticos, em paralelo ao desenvolvimento das universidades laicas (MILANESI, 2002).

Desse modo, as bibliotecas existentes no período renascentista se constituíram com o propósito de propagar o conhecimento até então acumulado e mantido sobre o poder de custódia monástica. Essas novas bibliotecas afluíam para o despertar de práticas inovadoras, apontando o surgimento de “[...] práticas que deram para a biblioteca o caráter de espaço de **liberdade e de conhecimento**” (MILANESI, 2002, p. 24, grifo nosso).

Todavia, embora a laicização tenha como essência a libertação do conhecimento acumulado, o acesso ainda era restrito a minorias. É somente no século XVII, com o crescimento acelerado das universidades e no século XVIII com a ocorrência da Revolução Francesa, que as bibliotecas se tornam integralmente acessíveis, o que caracteriza, simultaneamente, a consumação dos estágios da democratização e da especialização.

3.2 DEMOCRATIZAÇÃO: ROMPENDO FRONTEIRAS

No século XVII, dois grandes acontecimentos interferem na grande indústria editorial: a criação dos periódicos (FACHIN, 2006) e o surgimento das universidades sob comando do poder estatal (MARTINS, 2001). Além desses dois marcos históricos, destaque pode ser aferido com a ocorrência da Revolução Francesa, proporcionando às bibliotecas, o contexto de um novo estágio: a democratização.

Nessa época, o livre acesso às unidades de informação despertou a curiosidade nos indivíduos, fomentando a transferência de “[...] um mundo fechado ao universo infinito, uma nova visão do conhecimento como cumulativo. A novidade perdeu suas associações pejorativas e se tornou uma recomendação [...]” (BURKE, 2003, p. 104).

No período de democratização, as bibliotecas entram num processo de crescimento e valorização, pois é nessa época que as pesquisas científicas se proliferam, evidenciando o nascimento das grandes revoluções científicas no âmbito acadêmico. Ademais,

[...] a inovação intelectual, mais que a transmissão da tradição, é considerada uma das principais funções das instituições de educação superior e, assim, espera-se que os candidatos aos graus mais elevados façam contribuições ao conhecimento [...] (BURKE, 2003, p. 105).

A imprensa de Gutemberg trouxe à tona a explosão do impresso, tornando a publicação de livros e sua disponibilização no mercado, um dos acontecimentos que mais influenciou o nascimento de uma nova civilização, sustentada pelo papel (CHARTIER, 1998).

Com a utilização da imprensa, aliada aos novos meios de transportes proporcionou o aumento acelerado na produção de livros, o

que caracteriza a disseminação de livros entre os indivíduos, despertando o anseio em procurar as bibliotecas, a fim de aprimorar seus conhecimentos (BURKE, 2003).

No entendimento de Chartier (1998), a revolução do impresso provocou o “boom” da indústria editorial, ocorrida pós-invenção da imprensa a provocar conseqüentemente o surgimento de diferentes suportes informacionais, aparecimento de novos profissionais, ampliação dos mecanismos de acesso, de busca e de transmissão da informação.

3.3 ESPECIALIZAÇÃO: O FOCO NO USUÁRIO

Com a democratização surgiu novas necessidades, oriundas de um mercado globalizado, em que a “[...] informação passou de posse de alguns poucos para um bem desejável e adquirível para qualquer pessoa como alavanca social e pela sociedade como condição fundamental para o seu próprio desenvolvimento [...]” (MILANESI, 2002, p. 56).

O mesmo autor acrescenta que as bibliotecas especializadas possuem um público pequeno/homogêneo, providas de informação monotemática, priorizando o acesso virtual, com vistas à adequação das necessidades informacionais demandadas. Por essas características delineadas, a biblioteca que se encaixa no perfil das especializadas apresenta seus processos de trabalho com baixos níveis de complexidade.

Para Figueiredo (1979) as bibliotecas especializadas surgiram no início do século XX, sendo influenciadas fortemente, pelos impactos da fase industrial, sobretudo com o avanço proporcionado aos ramos da ciência e da tecnologia na sociedade pós-moderna. A mesma autora frisa que a Segunda Guerra Mundial interferiu, outrossim, na valorização e reconhecimento da importância das bibliotecas especializadas.

De forma inegável, alguns acontecimentos envidados nas últimas décadas do século XX, interviram no aparecimento dessa modalidade de biblioteca. A explosão da informação, por exemplo, colocou em circulação um volume de publicação sem precedentes na história, implicando em novas estratégias de organização e de recuperação da informação, resultando inclusive na revisão do próprio conceito de biblioteca, passando

de mero depósito de livros para um espaço de dinamização da informação (SILVA, 2013, p. 50).

Uma nova característica que passa a constitui a ambiência das bibliotecas dessa época é a necessidade em adentrar-se, em reconhecer e valorizar os usuários da informação, com vistas a adequar a unidade conforme a necessidade da clientela a ser servida. Ademais, a especialização das bibliotecas visa a proporcionar “[...] qualquer conhecimento ou experiência que possa ser coletada, para avançar os trabalhos desta instituição e fazê-la, assim, atingir os seus objetivos” (FIGUEIREDO, 1979, p. 10).

O papel dos bibliotecários, cujas práticas se desenvolvem nas bibliotecas especializadas, deve centrar-se na capacidade efetiva em oferecer a informação com melhor qualidade possível, em virtude de maiores exigências do público especializado em um dado assunto.

Os especialistas de informação devem tomar consciência do fato que a finalidade de sua profissão é o serviço aos usuários; devem ter a capacidade de desvendar suas necessidades e de traduzi-las em demandas; devem adaptar seus serviços em função da evolução da demanda e das técnicas; e aceitem colaborar com os usuários (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 45).

Por sua vez, cabem aos usuários desses serviços especializados, segundo os teóricos supracitados, terem ciência das condições e capacidades que os sofisticados mecanismos de transferência da informação oferecem, além de aceitarem a disciplina resultante desses mecanismos, delegando algumas tarefas aos especialistas de informação; além disso, cabem aos usuários, por outro lado, terem confiança nesses especialistas e seguir uma formação adaptada às técnicas de informação.

3.4 SOCIALIZAÇÃO: DA POSSE INFORMACIONAL AO ACESSO

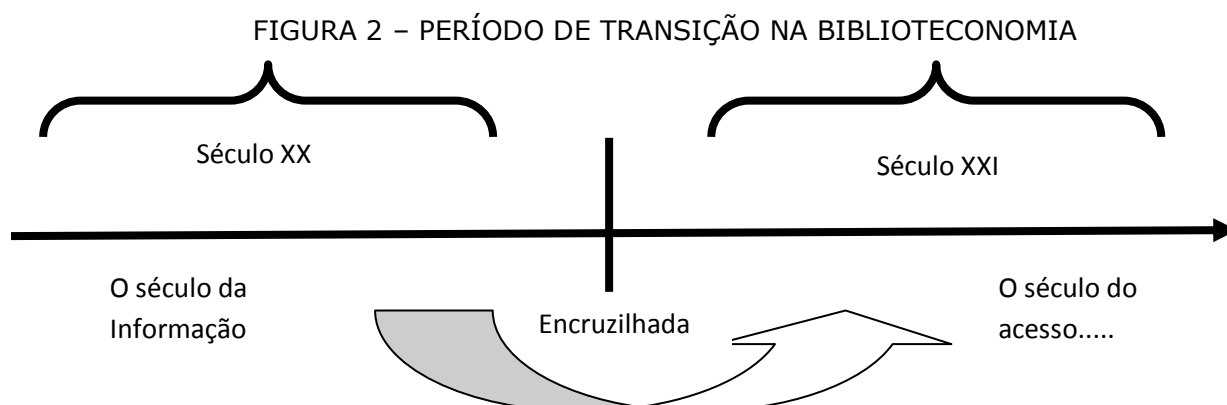
Nas últimas décadas do século XX, grandes revoluções sociais fizeram despertar mudanças em todos os segmentos sociais, incluindo-se, transformações nas unidades de informação. A revolução tecnológica e a explosão bibliográfica serviram de alicerce para romper com velhos paradigmas que sustentavam inúmeras áreas do conhecimento, proporcionando a formação de novas concepções.

No campo da Biblioteconomia, a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), trazem uma concepção de aperfeiçoamento das técnicas, métodos, estrutura e assistência que se desenvolve nas organizações informacionais. Nos debruçamos nas reflexões de Lancaster (1994) e de Levacov (1997) e com eles concordamos ao afirmarem que o futuro reserva para a área biblioteconômica, grandes transformações, que podem ser vistas como oportunidades ou ameaças, cabendo aos profissionais adentrar-se à primeira alternativa, adequando-se conforme as tendências inovadoras e potencializando suas capacidades.

Para Santa Anna, Gerlin e Siqueira (2013, p. 1, grifo nosso) o início do século XXI se apresentou

[...] como uma onda de transformações nos fazeres profissionais devido às novas estruturas de informação geradas com o avanço tecnológico, fato este que evidencia o início deste século como um **período de transição**, principalmente com a criação de novos registros de informação [...].

Cunha (2000) defende que a sociedade atual está em construção, definindo-se a partir das transformações ocasionadas com a explosão informacional e com os novos artefatos tecnológicos desenvolvidos para o gerenciamento efetivo das informações geradas e disseminadas no contexto social. Concomitantemente, a biblioteca moderna também está em mudança, deparando-se no intermédio, na encruzilhada (FIGURA 2), tramitando-se de um espaço tradicional/presencial para um ambiente informatizado/virtual.



Fonte: o autor (2013)

Nesse ínterim, inúmeras pesquisas se constituíram e vêm sendo constituídas a respeito da nova conduta da biblioteca frente ao paradigma tecnológico. Inúmeros autores realizam pesquisas desde a década de 80, destacando o novo paradigma que se desponta para a biblioteconomia contemporânea. Autores como Figueiredo (1994), Vergueiro (2000), Amaral (1998), Cunha (2000), dentre muitos outros, demonstram que a Biblioteconomia aflora para um novo estágio, transformando suas técnicas conforme as necessidades demandadas por seus públicos, tendo em vista, a reestruturação do espaço de trabalho, consumado pelo espaço virtual.

Esse novo paradigma perfaz um novo estágio, qual seja, o estágio da socialização, que se configura por meio do compartilhamento, tornando a biblioteca mais ativa e dinâmica, uma vez que

[...] à sua passividade substitui-se um salutar dinamismo, a iniciativa de uma obra que é, ao mesmo tempo, de socialização, de especialização, democratização e laicização da cultura. Ela [a biblioteca] desempenha o papel essencial na vida das comunidades modernas; é em torno dela que circulam todas as outras correntes da existência social [...] (MARTINS, 2001, p. 325).

A fim de desempenhar essa função junto ao desenvolvimento social, bem como a fim de garantir trocas de informação com usuários e outras unidades inseridas na sociedade, a biblioteca se atém ao paradigma do acesso, o qual constitui a função primordial das novas modalidades de bibliotecas desse período: as bibliotecas virtuais.

As bibliotecas virtuais adotam o uso das TICs e condicionam todo o espaço de trabalho a uma realidade sem limites de tempo e espaço, contribuindo para a efetividade dos processos de trabalho de forma integrada, ampliando as possibilidades de comunicação. Na visão de Marcondes, Mendonça e Carvalho (2006, p. 174) as tecnologias representam mudanças paradigmáticas nos serviços bibliotecários em virtude de despertarem

[...] um ambiente informacional amplo, global, de alcance nunca visto pelos antigos serviços bibliotecários, acostumados a trabalhar num ambiente delimitado, com uma comunidade de usuários identificável, restrita e até mesmo, conhecida pessoalmente. No novo ambiente e numa escala mundial, os usuários podem ter acesso a diferentes recursos, independentes de sua localização física.

No entanto, na visão de Rosetto (2002), a Biblioteca Virtual é aquela que não menospreza nenhuma prática dos estágios anteriores, ou seja, no ambiente virtual se imprimem todas as funções desempenhadas nos contextos tradicionais. Ou seja, a biblioteca virtual é

[...] aquela que contempla documentos gerados ou transpostos para o ambiente digital (eletrônico), um serviço de informação (em todo tipo de formato), no qual todos os recursos são disponíveis na forma de processamento eletrônico (**aquisição, armazenagem, preservação, recuperação e acesso** através de tecnologias digitais) (ROSETTO, 2002, p. 23, grifo nosso).

Com a consolidação do espaço digital, através da digitalização das fontes impressas, a tendência é que esse espaço ganhe cada dia mais utilidade. Desse modo, as bibliotecas não abarcarão suas coleções, mas sim, proverão “[...] recursos de referência na forma eletrônica, racionalizando o **acesso sem posse**, como, por exemplo, buscas em bases de dados comerciais *on-line*” (MARCHIOLI, 1997, p. 4, grifo nosso).

Essas modalidades de bibliotecas se atêm ao objetivo de prover o máximo de acesso à informação, com o mínimo de inconveniente para o usuário, utilizando-se as tecnologias disponíveis e respeitando-se o ideal do acesso universal ao conhecimento, como o comprometimento básico da biblioteca e do trabalho dos profissionais de informação (MARCHIOLI, 1997).

4 TECENDO PREVISÕES PARA O AMANHÃ

A biblioteca do futuro, seja ela de qualquer modalidade: híbrida, digital e/ou virtual, embora tenda a se aproximar da virtualização, se caracterizará, no decorrer das décadas do século XXI, como um espaço diversificado, oferecendo produtos e serviços diferenciados a seus usuários, tendo em vistas as necessidades demandadas.

Transcorrido a primeira década do século XXI, com base nas concretas circunstâncias que permeiam o mundo moderno, e conseqüentemente a instituição bibliotecária, vislumbra-se, um momento de transformação, caracterizando um período transitório em que as bibliotecas e seus profissionais oferecerão o acesso, dado à enorme demanda de utilização do espaço digital.

Se para Milanesi (2002) o século XX é considerado o século da informação, presumamos que o século XXI seja o século do acesso, cabendo ao bibliotecário a ampliação de seus tradicionais conhecimentos, atentando para o fato de que

O volume da informação e as novas tecnologias obrigam hoje o bibliotecário a repensar o seu perfil profissional e o seu papel no mercado da informação, que o vê mais como um gerente e um especialista com **conhecimentos de tecnologias** (TARAPANOFF, 1989, p. 106, grifo nosso).

Remetendo-se às reflexões de Vergueiro (2000), tem-se que as transformações surgidas na Sociedade Informacional nos últimos anos, com o advento das TICs, aliado ao processo da explosão Informacional que resultou na ruptura do paradigma de adequação dos acervos informacionais: a ênfase maior deixou de ser atribuída ao tratamento da informação para ser estendida ao usuário, ampliando os estudos de comunidade e serviços de referência a fim de se conhecer o cliente e perceber suas necessidades e dificuldades, visando aprimorar os serviços com o intuito de melhor atendê-los.

Na visão de Silveira (2008, p. 91), o paradigma tecnológico favorece a formação de um bibliotecário imbuído no centro do processo de socialização e democratização da informação, o que remete a necessidade de investigar como tal ofício emerge para a história das profissões, “[...] com o objetivo de contribuir para as recentes discussões em torno do processo de revitalização dos modelos que definem sua formação teórico-prática [...]”, bem como seu novo perfil acerca dos novos desafios advindos com o estágio de socialização e seus reflexos na prática biblioteconômica da contemporaneidade.

Na visão de Chartier (1998), semelhantemente às consequências oriundas do impresso, o mundo atual atravessa as mesmas revoluções trazidas com a galáxia de Gutemberg, porém trata-se não apenas de uma explosão do impresso, mas sim uma galáxia do eletrônico. Neste ínterim, pode-se afirmar que a atual conjuntura social perpassa pelo mesmo processo inovador do período gutemberguiano: os atores, os profissionais, os recursos, os usuários, todos esses elementos do contexto tradicional (impresso) não desaparecerão, apenas se reestruturarão, remodelarão.

Evidências prospectivas indicam o surgimento de novas oportunidades e potencialidades atribuídas aos bibliotecários, a fim de se adequarem-se às novas tendências. Trata-se de uma mudança de postura social, de personalidade, de comportamento, de escolhas, desejos e valores, porém a essência pela produção de conhecimentos continuou e continuará no mesmo desmembramento no decorrer dos tempos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição biblioteca se consolida como uma organização em constantes transformações, desenvolvendo-se em conformidade com as tendências, costumes, desejos, anseios e necessidades das diferentes sociedades. As sociedades, por sua vez, se desenvolvem a partir de diversificados períodos históricos, condicionando reflexos que configuram a formulação de novos métodos e técnicas biblioteconômicos, com vistas a gerenciar a informação produzida socialmente.

Desde o aparecimento dos primeiros registros do conhecimento, tendo os tabletes de argila e os rolos de papiro e pergaminho, a sua máxima representação, até as páginas eletrônicas da internet, a biblioteca se fidelizou à sua principal finalidade: organizar, preservar, tratar e disseminar informação, adequando-se a usuários, ambientes e contextos diferenciados.

Ao navegar no imenso oceano de informações existentes acerca dessa trajetória histórica, percebeu-se que, antes da Renascença, essas unidades caracterizavam-se pela função de custodiar a informação, preservando os registros, com vistas a transmissão informacional para gerações futuras. Contudo, a partir da Renascença e com as grandes revoluções sociais que se sucederam após a institucionalização da imprensa, a biblioteca deixa de ser um depósito amontoado de livros e passa a oferecer informação a diferentes públicos, democratizando seu acesso.

Permeada por quatro diferentes estágios, mas que se desenvolveram de formas simultâneas e integradas, da laicização passou-se à democratização e especialização, convergindo para a socialização,

momento de comunhão e ao mesmo tempo de transformação, (r)evolucionando a principal meta bibliotecária: da posse informacional ao acesso.

Vislumbra-se, a partir desse discurso, que o papel da internet, o qual imprimiu um novo espaço de trabalho: o ambiente virtual, desencadeia o aparecimento de um nova modalidade de biblioteca: a biblioteca virtual, oferecendo acesso aos mais diferenciados tipos de informação, socializadas a partir da conexão entre redes eletrônicas.

Com efeito, também se aprende que o perfil do bibliotecário foi mutante aos longos dos tempos, deixando-se, em linhas gerais, de ser um zelador da informação, para se metamorfosear em um disseminador da informação, mediando o acesso a diferentes públicos. Com efeito, confirmamos a profecia de Ranganathan (2009) ao discursar em seu quinto postulado de que a biblioteca é um organismo em crescimento, paralelamente, o bibliotecário também deve acompanhar essa (r)evolução, adentrando-se às novas concepções paradigmáticas, a fim de garantir sua importante função, qual seja, mediar a todos, informação de qualidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sueli A. do. **Marketing**: abordagem em unidades de informação. Brasília, DF: Thesaurus, 1998.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

CHARTIER, Roger. A revolução das revoluções. In: _____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a8.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2013.

DIAS, Eduardo Wense. Organização da informação no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. In: NAVES, Madalena Martins Lopes; KURAMOTO, Hélio (Org.). **Organização da informação**: princípios e tendências. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

KNAPP, Wolfgang. **O que é editora**. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1992.

FACHIN, Gleisy Regina Bories; HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade. **Periódico Científico**: padronização e organização. Florianópolis: UFSC, 2006.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Bibliotecas universitárias e especializadas**: paralelos e contrastes. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, DF, v.7, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1979.

_____. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília, DF: IBICT, 1994.

GUINCHAT, Claire; MENOUE, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília, DF: IBICT, 1994.

LANCASTER, F. Ameaça ou Oportunidade?: o Futuro dos Serviços de Biblioteca à Luz das Inovações Tecnológicas. **Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 7, jan./jun. 1994.

LEVACOV, Marília. Bibliotecas virtuais: (r)evolução?. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 26, n. 2, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-2.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

MARCHIORI, Patricia Zeni. "Ciberteca" ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ci. Inf. [online]**. 1997, vol.26, n.2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651997000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 7 out. 2013.

MARCONDES, Carlos Henrique; MENDONÇA, Marília A.; CARVALHO, Suzana M. Serviços via Web em bibliotecas universitárias brasileiras. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 174 -186, maio/ago. 2006.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

ROSETTO, Márcia. Metadados: novos modelos para descrever recursos de informação digital. In: INTEGRAR – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1., 2002, São Paulo. Anais... São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p. 485-498.

SANTA ANNA, Jorge; GERLIN, Meri Nadia; SIQUEIRA, Poliana. A tecnologia da informação e seus reflexos no serviço de referência da biblioteca central da Ufes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013, Florianópolis. Anais... Disponível em: <<http://xxvcbbd.febab.org.br/>>. Acesso em: 2 set. 2013.

SANTOS, Josiel Machado. O processo histórico evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. *Vida de Ensino, Goiânia*, v. 1, n. 1, p. 1-10, ago. 2009/fev. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/aluno-ccje/Downloads/58-384-2-PB.pdf>. Acesso em: 7 out. 2013.

SILVA, Elane Ribeiro. **As bibliotecas como espaço de preservação da memória da humanidade**: passado, presente e futuro das unidades de informação. 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/aluno-ccje/Downloads/155-429-1-PB.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2013.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. O bibliotecário como agente histórico: **do "humanista" ao "Moderno Profissional da Informação**. *Inf. & Soc.:Est., João Pessoa*, v.18, n.3, p. 83-94, set./dez. 2008. Disponível em: <www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/download/1873/2275>. Acesso em: 7 out. 2013.

TARAPANOFF, Kira. O profissional da informação em áreas de ciência e tecnologia no Brasil: características e tendências. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 18, n. 2, p. 103-119, jul./dez. 1989. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ci_inf/index.php/ciinf/article/viewFile/1358/984>. Acesso em: 7 out. 2013.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Qualidade em serviços de informação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2000.

WEITZEL, Simone. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61 - 67, jan./jun. 2002.